



PATRICIA
CABOT

A DAMA
DA ILHA

 essência

PATRICIA
CABOT

A DAMA
DA ILÍLIA

1



Lyming, Escócia, fevereiro de 1847.

O barqueiro estava morto.

Não havia dúvida quanto a isso. O sujeito estava gelado e sem pulsação. As pupilas estavam dilatadas, vítreas e fixas. Reilly Stanton nem precisava ter licença médica para saber que ele já não estava entre os vivos.

No entanto, Reilly não era o único que precisava de convencimento. O pescador enrugado que se abaixara ao seu lado não parecia acreditar no óbvio.

– O que ele tem? – o velho perguntou, e sua respiração se transformou em vapor no ar frio do inverno.

– Isso mesmo, o que ele tem? – A pergunta do pescador foi repetida por vários companheiros que tinham ido espiar o cadáver, assim como Reilly, que tivera a infeliz ideia de mergulhar na água gelada para resgatar o afogado.

– Sinto dizer – Reilly declarou, erguendo a cabeça molhada

do peito ensopado do morto –, mas ele se foi.

– Se foi? – O mais velho dos pescadores pestanejou. – O que está querendo dizer com isso?

– Bem, ele expirou. – Os que o rodeavam continuavam a encará-lo sem entender. A palavra “expirar” sempre era bem recebida pelas famílias dos pacientes de Reilly em Mayfair. Contudo, tal delicadeza era evidentemente um desperdício para aqueles homens tão rústicos. Por isso, Reilly teve que explicar melhor, batendo os dentes por causa do frio. – Seu amigo morreu.

– Morreu? – o velho trocou olhares de incredulidade com os outros. – Stuben morreu?

Reilly se ajoelhou – um feito admirável, pois seu calção, antes em boas condições, estava duro por causa da água salgada gelada – e fitou com ansiedade a taverna ao longe. Pelo menos, o que parecia ser uma. Era a estrutura mais próxima do píer onde se encontravam e, em meio ao nevoeiro, Reilly pôde ver uma placa balançando em cima da porta e luzes convidativas atravessando as janelas. Reilly não se importava que fosse uma cervejaria ou um prostíbulo, contanto que chegasse lá o mais depressa possível para se secar e aquecer diante de uma lareira, de preferência com um copo de uísque na mão.

Mas, antes, teria que resolver o problema do barqueiro.

– Não pode ser – o pescador desdentado insistiu. – Stuben não pode ter morrido. Ele nunca morreu.

– Ora, mas essa é a natureza da morte, não acha? – Reilly procurou sorrir com simpatia. – Costumamos fazer isso uma única vez.

– Mas não Stuben. – Cabeças grisalhas anuíram enfaticamente ao redor do cadáver. – Ele já caiu na água várias vezes, mas nunca morreu.

– Bem. – Reilly tentou imaginar alguns de seus colegas mais instruídos – Pearson, por exemplo, com seu indefectível charuto, ou Shelley, com aquela bengala ridícula de cabo de prata, da qual não precisava – em pé naquele píer desolado, discutindo o significado da morte com aquele grupo estranho. Não conseguiu.

Ora, Pearson e Shelley eram dotados de sensatez suficiente para não aceitar aquele emprego e não possuíam nenhum traço da impetuosidade de Reilly.

– Bem, cavalheiros. Acho que ele não teve a mesma sorte dessa vez. Sinto muito pela perda que os senhores tiveram. Mas ele estava obviamente embriagado...

Aquela era uma descrição generosa. O barqueiro estava tão bêbado que Reilly pensara em perguntar se não havia outro barco que ele pudesse alugar para o trajeto. Mas não chegara a se manifestar. O que poderia ser pior do que um barqueiro embriagado? Um barco encalhar ou afundar?

E se ele acabasse afundando nas águas geladas e turbulentas da costa das Terras Altas da Escócia? E daí? De qualquer forma, não tinha muito pelo que viver. Christine, em

Londres, ficaria sabendo de seu afogamento e teria que viver suportando a ideia de que Reilly Stanton morrera se esforçando para conquistar seu amor...

Era evidente que, ao ver o homem estúpido perder o equilíbrio e cair no mar no instante em que atracavam, Reilly não considerou a própria segurança. Muito menos o que a senhorita Christine King pensaria. Pulara imediatamente na água gelada e puxara o camarada, já morto, para a margem.

E apenas àquela altura, ensopado e tremendo como um cão, ocorreu a Reilly que perdera outra maravilhosa oportunidade para fazer Christine arrepender-se do que fizera. Ele chegara tão perto de uma morte romântica! Quase podia ouvir o que diriam as damas de Mayfair:

“Querida, você não soube? O jovem doutor Stanton, o oitavo marquês de Stillworth, morreu nos confins das ilhas Hébridas, tentando salvar a vida de outro homem. Não posso imaginar o que a desumana Christine King estava pensando, quando dispensou um homem como ele. Christine devia estar louca. Um cavalheiro altruísta, generoso, nobre... e belo, pelo que me disseram. A pobre moça está fora de si de tanto sofrimento.”

Talvez a descrição fosse exagerada. E como o velho idiota morrera, apesar de seu maior esforço, Reilly nem podia escrever para casa e mencionar, mesmo que casualmente, como tentara salvar uma vida no primeiro dia de trabalho.

“Quando” sua sorte iria melhorar?

– Sinto muito pelo senhor Stuben – Reilly afirmou para os amigos do barqueiro –, mas se serve de consolo, ele não sentiu nada quando morreu. Estava completamente embriagado. Se os bondosos cavalheiros não se importarem, estou molhado, com muito frio e gostaria de sair desse vento...

– Aí está o problema. – Várias cabeças grisalhas se sacudiram. – Tirá-lo desse vento. Alguém precisa avisar a senhorita Brenna.

– Já foi feito – um homem desdentado garantiu. – Mande o menino chamá-la, assim que vi Stuben afundar.

– Bom rapaz. – O pescador mais velho suspirou. – Bem, eu o seguro pela cabeça e você, pelos pés. Pronto? Um, dois e já!

Reilly ficou em pé. O vento gelado lançava jatos de sal para todo lado enquanto os homens de mãos encarquilhadas seguravam o corpo do homem e o levantavam. Então a procissão solene se moveu bem devagar até a construção mais próxima, a mesma que Reilly esperava que fosse uma taverna.

Reilly, sozinho no cais, relanceou um olhar ao redor. Atingida pelas ondas e pelo vento, a balsa chocava-se ruidosamente contra a lateral do ancoradouro. Suas sacolas e a arca ainda estavam na embarcação. Ele era o único passageiro, isto é, além das garrafas vazias do barqueiro que rolavam de um lado para outro. Exceto pelos amigos do defunto e de um bando de gaivotas, nada mais havia por perto. Reilly não contava que viessem esperá-lo, pois a comunicação com o continente era péssima, mas pelo menos poderia haver alguém para carregar a

bagagem...

Bem, pouco importava. Afinal, houvera uma morte. Supôs que, por enquanto, seus pertences estariam a salvo. Embrulhou-se melhor na capa – embora o tecido incrustado de gelo pouco servisse para protegê-lo do frio – e seguiu atrás do cortejo do defunto. Caminharam rumo à única construção visível através do nevoeiro e, que, pelas luzes que apareciam nas janelas, prometia pelo menos um bom fogo.

Reilly acompanhou os passos dos homens, e quando um se queixou de cansaço, ele segurou a cabeça do morto.

Nisso, outro pescador apertou o peito do homem e se afastou. Reilly teve que segurar não apenas a cabeça, mas também o tórax do morto.

Um terceiro pescador se curvou, atacado por uma alarmante tosse espasmódica. Não demorou muito para que Reilly jogasse o barqueiro nas costas, sob gritos de incentivo e aplausos dos camaradas. Felizmente, esse fato não chegaria ao conhecimento de Christine. Sua morte teria sido romântica, mas essa situação em particular não.

Ele cambaleou em direção à taverna – era mesmo uma taverna, embora o nome na placa que balançava ao vento não fosse encorajador – Lebre Ferida. Mas assim que a porta foi aberta, Reilly mergulhou em uma onda de calor seco que recendia a cerveja e ficou aliviado que, o que quer que fosse aquilo, a Lebre Ferida era no mínimo quente, seca e estava aberta.

O lugar estava cheio de gente. Um dos homens que o acompanhavam anunciou que Stuben havia se embriagado novamente e caíra na água, de onde o estranho o retirou. Houve um murmúrio coletivo de excitação, seguido por uma torrente de movimentos, quando os homens se apressaram a tirar os canecos do caminho das mulheres que se preparavam para colocar um pranchão sobre vários bancos que alguém arrumou perto da lareira.

– Ponha-o aqui – ordenou uma mulher volumosa de avental imaculado e touca. – Bem aqui, na mesa.

Reilly aquiesceu, embora mesa não fosse o termo que ele escolheria para descrever a estrutura improvisada onde ele deixou o defunto. No mesmo instante, a mulher se apressou a tirar as roupas encharcadas do barqueiro, dando ordens em voz alta.

– Flora, traga uma garrafa de uísque! Maeve, os lençóis estão no armário de cima. Nancy, na cozinha dos fundos há uma caçarola com água quente. Pegue-a e traga alguns panos. Já mandaram avisar a senhorita Brenna?

– Mandei o garoto atrás dela – um dos pescadores assegurou.

– Ótimo – A mulher ficou satisfeita.

De novo a senhorita Brenna?, Reilly pensou. Quem seria essa moça? E que nome horrível! Sua opinião era partilhada pelos amigos Pearson e Shelley, que haviam declarado que Brenna era o nome mais odioso da língua inglesa, talvez com

exceção de Megan. Haviam decidido, quase com certeza, que qualquer mulher batizada com o nome de Brenna teria queixos múltiplos, dentes centrais exageradamente grandes e fisionomia cavalariça. E durante a investigação não muito científica da veracidade daquela teoria, esperavam que alguém provasse o contrário.

As roupas do barqueiro foram retiradas, e ele ficou exposto, nu, diante dos que se encontravam na Lebre Ferida – o que, Reilly reparou, incluía as criadas, sendo algumas delas muito jovens. Era espantoso que as moças não pareciam chocadas diante do corpo masculino em trajes de Adão. Mesmo quando ele foi submetido à indignidade de ser envolvido em panos tirados de uma vasilha com água quente que Nancy segurava, nenhuma dessas jovens empedernidas das Terras Altas lançou um segundo olhar sobre ele.

– Hum – Reilly conseguiu balbuciar depois de parar de tremer, ao mesmo tempo em que o morto era coberto dos pés à cabeça com roupas quentes.

A mulher, na certa a dona do local, olhou-o de viés e então disse:.

– Maeve, não fique aí parada como uma tonta. Tire as roupas molhadas do cavalheiro e cubra-o com uma manta.

Reilly ficou alarmado quando a tal moça caminhou em sua direção. Recuou depressa e ergueu as mãos.

– Hum, não, não. Não é... quero dizer, estou bem. De verdade. Senhora, penso que alguém deveria dizer-lhe que esse

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

